

DO PSICODRAMA AO TELEPSICODRAMA: UM PERCURSO HISTÓRICO

Heloisa Dupas Penteadó (FE/USP)

1. Introdução

Uma digressão inicial necessária nos levará a melhor situar o telepsicodrama e a pesquisa que ora realizamos em suas circunstâncias atuais.

O inconsciente coletivo é um conceito em expansão, desde que os avanços da mídia assumiram as proporções que vimos constatando na atualidade.

Questões sociais próprias de diferentes faixas etárias, de diferentes sexos, de diferentes etnias, de diferentes grupos religiosos, de diferentes grupos de trabalho ganham espaço nos diferentes meios de comunicação, projetando o perfil de públicos específicos, intensificando o alcance da organização de eventos aglutinadores de grupos de natureza diversas, tipo congressos, megashows (Rock in Rio, Os Três Tenores, etc), movimentos sociais, viabilizando a comunicação real ou virtual entre os componentes desses públicos.

Paralelamente ao avanço das mídias, os avanços nos meios de transporte possibilitam a oferta de deslocamentos espaciais cada vez mais numerosos, mais rápidos, mais confortáveis e até mesmo menos dispendiosos.

A combinação de avanços tecnológicos nesses dois setores – comunicação/transportes – alteram radicalmente as concepções de espaço e tempo, duas variáveis fundamentais da existência humana, com marcantes repercussões nas formas de organização social e nas relações sociais, na construção das identidades e subjetividades, inaugurando novas possibilidades, alterando a construção do inconsciente coletivo, instaurando a necessidade de revisão e resignificação de conceitos.

Movimentos sociais levaram a reconsiderações sobre o conceito de classe social, mega eventos conduzem a revisões do conceito público, que encaminhem melhor compreensão dos movimentos possíveis entre público, agrupamentos, multidão e grupos de diferentes matizes, e dentre seus componentes, em ritmos frenéticos que alteram a experiência de sociabilidade, intensificando relações de um lado, reforçando distinções de outro, desestabilizando padrões de comportamento previamente conhecidos, dificultando a existência de modelos, desinstaurando de maneira abrupta, sem aviso prévio, a "sociedade da conserva" de que nos fala Moreno (s/d).

Tal fenômeno escancara portas a mudanças, expondo o novo, despertando resistências, menos por convicção, mais por inércia, incompreensão, ou medo gerado pela insegurança em relação ao desconhecido.

Nos novos horizontes os reajustamentos humanos saudáveis não são automáticos. Capacidade de discernimento, de autoconhecimento, de auteridade, de atuação em equipe, de colaboração, de adesão, de preservação da identidade, de autonomia, de criatividade são elementos imprescindíveis para a sua promoção.

Atento a tais alterações o sociólogo e filósofo contemporâneo Pierre Levy tem tecido considerações sobre os fenômenos da sociabilidade humana na atualidade, que recuperam para nossa compreensão uma das facetas da "natureza" humana, já posta em evidência por Aristóteles, tão escamoteada ou obscurecida ao longo dos tempos. Afirmava ele: -"O homem é um animal social". Afirmava Levy ser da natureza humana buscar relacionar-se, procurar estar junto, buscar os seus pares, o que é dizer o mesmo que Aristóteles em outras palavras. Destaca em suas considerações o papel do "conhecimento" e dos meios de comunicação, especialmente da Internet, nas construções de comunidades virtuais e presta uma colaboração prática na construção das mesmas, através das "árvores do conhecimento", recurso midiático

que coloca à disposição dos internautas.

A passagem do virtual para o real e vice-versa, hoje, é movimento contínuo com possibilidades ambíguas. Tanto mega aproximações em que relações "intra" e "inter" grupos podem ser intensificadas; tanto barreiras culturais grupais podem ser esmaecidas com desejáveis efeitos sociais democratizantes, promovidas pelos recursos de interatividade das mídias eletrônicas contemporâneas; como também esses mesmos recursos podem ser utilizados no "aprimoramento" das distâncias sócio-culturais, cavando mega fossos intergrupais.

A concretização de uma ou outra dessas possibilidades dependerá de nossa capacidade, enquanto pesquisadores e educadores, de ocuparmos espaço na mídia interativa e a partir de nossas identidades profissionais e competências específicas agilizarmos o filão democratizante.

A agilização da comunicação midiática na direção democratizante que interessa a educadores e a psicodramatistas, pesquisadores, ambos, do comportamento, da sociabilidade humana, depende de nossa capacidade de ganharmos existência no universo de produção da mídia interativa, a partir de nossas identidades profissionais e correspondentes competências específicas.

É nesse quadro que se insere a proposta de construção/pesquisa do telepsicodrama pedagógico. Explorando possibilidades de expansão de benefícios presentes nas sociedades tecnológicas, escolhe-se a mídia televisão, para a realização deste trabalho, pela generalidade de seu alcance, pela universalidade de sua aceitação entre públicos os mais diversos; faz-se dela, TV, um canal de participação/divulgação do uso de conhecimentos científicos ainda hoje acessíveis apenas a pequenos grupos, recolocando o psicodrama no espaço público, onde se originou e ao qual se destina.

.Realizado hoje em dia em consultórios ou em cursos de alto custo, o psicodrama, de onde o telepsicodrama deriva, deslocou-se de sua origem pública para ambientes particulares ou particularizados.

As tentativas de recuperação de suas origem em espaços públicos, ambientes populares, hoje realizáveis graças ao desenvolvimento dos recursos midiáticos, são sempre obstaculizadas por supostos cuidados, que na verdade nada mais são do que expressões: ou de desconhecimento das propriedades educativas do psicodrama pedagógico; ou de desconhecimento das propriedades comunicacionais da mídia atual cujos recursos eletrônicos viabilizam a alternância dos papéis de emissor e receptor da mensagem em ambos os pólos do percurso, o que torna ultrapassada a concepção da linearidade do processo comunicacional no esquema rígido estímulo-resposta; ou, na pior das hipóteses, medo dos efeitos democratizantes em que as mega aproximações possibilitadas pela tecnologia podem resultar; ou ainda em "reserva de mercados"

A própria produção do texto televisual constitui-se numa pesquisa das possibilidades técnicas de produção videográfica, capaz de socializar o potencial formativo do psicodrama pedagógico. E resulta num recurso de ensino/pesquisa.

A produção do telepsicodrama pedagógico é uma tentativa de desenvolvimento, de ampliação de aproximações, de conexões entre públicos diversos com acentuados denominadores comuns, como é o caso de jovens escolares de um lado, e de jovens, escolares ou não, de outro, e que se defrontam com questões específicas de sua faixa etária.

Conectando valores da cultura escolar dos protagonistas, com valores de outras culturas do público, pondo em comunicação o segmento "juventude" (faixa etária escolhida para o telepsicodrama produzido) caminhamos na direção dos possíveis usos democratizantes da mídia, objetivando subjetivações do inconsciente coletivo, operando coletivamente na e pela mídia. Como já alertava Moreno: "Um estado co-consciente ou inconsciente não pode ser propriedade de um único indivíduo. É sempre uma propriedade comum e sua representação é impossível sem um esforço combinado. Se a representação desse estado

co-consciente ou co-inconsciente é desejável ou necessária, tem de efetuar-se com a colaboração de todos os indivíduos no episódio. O método lógico para tal representação é o psicodrama. Por maior que seja o gênio perspectivo de um dos participantes do grupo, ele não poderá reproduzir sozinho esse episódio, pois ... têm em comum seus estados co-conscientes e co-inconscientes, os quais são a matriz de onde promana sua inspiração e seu conhecimento".

Este trabalho apresenta os primeiros resultados da produção/pesquisa de um telepsicodrama pedagógico e que constitui a primeira etapa do projeto de pesquisa intitulado **Telepsicodrama Pedagógico, Pedagogia da Comunicação e Educação: formação em temas emergentes e urgentes**. Sua realização durou dois anos e foi informado no nosso GT nas duas últimas sessões anuais da ANPED. Esse resultado compreende o produto anunciado- o telepsicodrama- (fita de vídeo de psicodrama pedagógico, com potencial de exibição em circuito de TV) e os conhecimentos gerados até agora sobre esse processo de produção. As duas próximas etapas da pesquisa compreenderão: a investigação das propriedades pedagógicas do material produzido, por grupos de professores/pesquisadores do Ensino Médio, coordenados por pesquisadores universitários, com realização programada para o período 2002/2003; a exibição do telepsicodrama em circuito de TV, acompanhada de pesquisa junto ao público alvo, para verificação das propriedades educativas/socializadoras do telepsicodrama, programada para 2003/2004.

2. Psicodrama, Videopsicodrama, Telepsicodrama Pedagógicos

Telepsicodrama pedagógico não é videopsicodrama pedagógico e videopsicodrama pedagógico não é psicodrama pedagógico.

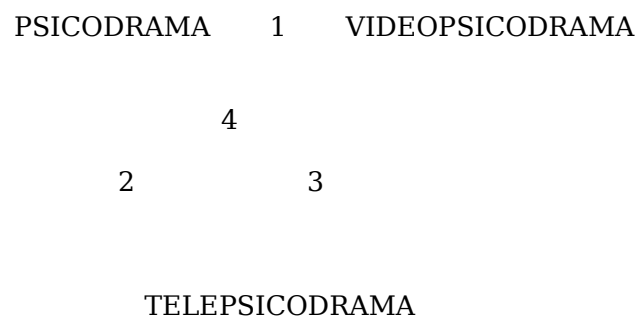
Todavia , não existe telepsicodrama sem videopsicodrama, e não existe videopsicodrama sem psicodrama.

O psicodrama é a raiz ou a matriz dessas novas modalidades psicológica/sociais de "busca da verdade", que têm por base a teoria psicodramática de Moreno ajustada às possibilidades comunicacionais oferecidas pelas mídias, na sociedade tecnológica da atualidade.

Não se identificam entre si, e também não se estranham.

Inauguram ampliações do alcance da realização psicodramática, que se traduzem em modificações qualitativas das relações estabelecidas entre participantes, em cada uma dessas modalidades de realização do método psicodramático.

Apresentam pontos específicos e pontos comuns que poderiam ser graficamente representados na figura que se segue:



Nota - As setas indicam a extensão do raio de alcance dos três diferentes tipo de ação.

A área 1 mostra as relações psicodrama/videopsicodrama.

A área 2 mostra as relações psicodrama/telepsicodrama.

A área 3 mostra as relações videopsicodrama/telepsicodrama.

A área 4 mostra a integração das três áreas.

Cada uma dessas modalidades psicodramáticas se diferencia:

- a) pela extensão, de diferente amplitude, do raio de alcance de cada uma delas;
- b) pelo modo de produção de cada uma delas;
- c) pelas interações desenvolvidas em cada uma dessas modalidades.

O psicodrama tem seu raio de ação começando e terminando no próprio grupo (incluindo aqui a equipe de trabalho psicodramático), com possibilidades de repercussões pontuais ao longo dos caminhos sociais dos participantes.

No videopsicodrama o raio de ação transborda dos limites do grupo de psicodrama, alcançando públicos diversos expostos ao vídeo, cuja característica comum é um vínculo com o tema focalizado.

Cumprе salientar que tanto no psicodrama como no videopsicodrama pedagógicos existe uma relação presencial. No psicodrama ela se realiza durante a própria vivência. No videopsicodrama, além da relação presencial vivida pelos protagonistas e demais participantes durante a gravação do psicodrama, ela ocorre também na exibição do vídeo a outros grupos, ocasião em que é feita em ambientes fechados e é monitorada por um educador ou por um psicodramatista, ou por ambos.

No telepsicodrama o raio de ação ultrapassa limites geográficos e galga o espaço midiático. Enquanto o psicodrama e o videopsicodrama pedagógicos são sempre mediados por uma relação presencial (seja na realização da vivência psicodramática, seja na produção ou na exibição do videopsicodrama), o telepsicodrama mescla diferentes relações, ao longo de diferentes etapas. Enquanto o processo de produção é

mediado por relações presenciais, nas etapas de gravação e de edição, a exposição ao telepsicodrama ocorre numa relação não presencial, em tempo virtual, entre o telespectador e o grupo que produziu o telepsicodrama pedagógico (grupo psicodramático e grupo técnico), podendo vir a tornar-se presencial em tempo real, em decorrência de encaminhamentos de interatividade a serem providenciados entre o público telespectador e TV, e os direcionamentos futuros a serem organizados pelo diretor psicodramático e equipe de produção televisual, em resposta a tais interações.

Quanto ao modo de produção de cada uma das modalidades (psicodrama, videopsicodrama e telepsicodrama) alteram-se: a composição das equipes de trabalho e as etapas de trabalho a serem realizadas.

Na produção do vídeopsicodrama as etapas modificam-se com a introdução dos trabalhos de gravação da sessão psicodramática e de edição em vídeo, que exigem a presença do camera man e do videodiretor (relação de papéis profissionais na nota 1, ao final do texto). Aquele, encarregado do trabalho com a câmera de gravação das cenas dramatizadas; este encarregado do registro de detalhes da cena ou do grupo, cujos significados possam vir a ser relevantes nos trabalhos de edição para o sentido da sessão no seu todo.

Quando se trata da produção de um telepsicodrama ocorre a introdução do produtor, da equipe técnica de TV (técnico de som, iluminação, etc.) e do diretor de TV; a gravação e a 1ª edição ocorrem simultaneamente, o que exige a presença de um videodiretor junto ao switcher (diretor de TV) para a seleção das melhores imagens, além da introdução da equipe técnica de TV e do diretor de TV na ação dramática do grupo dentro do estúdio de TV.

Estas alterações não se reduzem a intervenções técnicas. A presença de outros profissionais junto ao grupo que vivencia o psicodrama pedagógico carrega uma tripla exigência: de um lado, um preparo

desses profissionais, pelo diretor psicodramático, para que a atuação deles junto ao grupo não se constitua em fator inibidor da expressão da espontaneidade; de outro lado, um preparo do grupo protagonista, pelo diretor psicodramático, para a convivência com esses profissionais e para familiarização com a câmera videográfica de tal modo a garantir um ambiente propício à expressão da espontaneidade. Este trabalho constitui-se, no vídeopsicodrama e no telepsicodrama, num desdobramento do **aquecimento inespecífico**, etapa inicial do psicodrama. Finalmente se impõe uma troca de conhecimentos especializados entre profissionais do psicodrama e profissionais da TV, para que a realização dos cortes e a composição final do texto televisual tenha qualidade de "**atratividade televisual**" sem perda de "**significados psicodramáticos**". Trata-se de uma situação de produção inédita tanto para os psicodramatistas e para a equipe de TV, e ainda mais para as pessoas que se dispuserem a compor grupos para a realização do telepsicodrama.

As alterações introduzidas nas interações vividas na produção das novas modalidades psicodramáticas aqui focalizadas também geram alterações nas interações desencadeadas a partir delas, conforme a extensão do raio de abrangência, alcançado na exibição de cada uma delas.

Na edição do vídeopsicodrama são selecionadas algumas vertentes do psicodrama vivido que foram consideradas prioritárias.

As interações estabelecidas pelos grupos que assistem o vídeopsicodrama, com o psicodrama gravado, se dão pela exposição àquelas vertentes videopsicodramatizadas, que foram selecionadas como prioritárias para na edição de vídeo, pela ótica do(s) diretor(es) psicodramático(s); já o grupo protagonista foi conduzido a essas mesmas vertentes expressas na vivência e captadas, em diferentes graus de consciência pelos participantes presentes.

De outro lado, é preciso acrescentar que a presença de um educador

ou de um psicodramatista (mediadores intencionais) nos grupos fechados de exibição do vídeopsicodrama permite captar na leitura do texto videográfico outros desdobramentos de significados, tão importantes para esses grupos assistentes, como podem ter sido as outras vertentes não videogravadas, para o grupo que originou o psicodrama gravado. E se os mediadores forem psicodramatistas existe inclusive a possibilidade de realização de novas dramatizações, e vivências de outras vertentes de significado, dentro do grupo vídeoespectador. O que nos encaminha para os vários significados que podem ser extraídos/atribuídos a um mesmo texto (polissemia dos textos). Na verdade seus significados não se esgotam em si mesmos, mas na relação que com eles estabelecem os leitores, o que torna os seus sentidos inesgotáveis.

Já os telespectadores do telepsicodrama encontrar-se-ão de frente à TV, sozinhos, ou com mediadores ocasionais (em oposição aos intencionais do vídeopsicodrama), como seu grupo familiar, ou com um grupo de amigos. As relações do público alvo com o telepsicodrama realizar-se-ão por intermédio dos recursos da interatividade midiática postos à sua disposição pelo canal de TV, do tipo e-mail, telefone, cartas, etc. A situação de um professor gravar da TV o telepsicodrama e apresentá-lo para seus alunos poderá ocorrer. Trata-se de uma situação inédita posto que o telepsicodrama difere do vídeopsicodrama porque este compreende apenas a gravação/edição do psicodrama. Enquanto aquele contém também chamadas do envolvimento do diretor psicodramático para o público. Isto vai implicar em uma exibição com dupla mediação: uma não presencial, à distância, pelas chamadas ao público, gravadas pelo diretor psicodramático; outra, presencial, feita pela orientação dada pelo professor no uso da gravação feita por ele.

Pela inediticidade da experiência, se ela ocorrer será objeto de investigação controlada pela pesquisa, a fim de explicitarmos suas peculiaridades.

Dispersos geograficamente, os telespectadores estarão reunidos, enquanto determinado segmento de público, em torno de um tema sócio-cultural de interesse específico deste segmento.

Na verdade o telepsicodrama entrará em circuito aberto bem antes dele próprio ir ao ar, através de chamadas cuidadosamente elaboradas pelo(s) diretor(es) psicodramatista(s) e equipe de TV, distribuídas em período em precederá exibição do programa, em dias distintos e em diferentes horários. Por estas chamadas o público alvo será preparado por um aquecimento inespecífico próprio dessa modalidade, e será situado em relação ao trabalho com a espontaneidade e seu papel criador na resolução das questões de vida moderna; com o “aprisionamento” a que tem sido submetida na vida moderna e os conflitos daí decorrentes; com a importância de sua elaboração para a felicidade do ser humano. Destacar-se-á o telepsicodrama como método de desenvolvimento da expressão da espontaneidade.

Na versão editada serão intercaladas chamadas ao público, pelo diretor psicodramático, gravadas em momento posterior ao da gravação do telepsicodrama com a finalidade de promover o envolvimento necessário ao estabelecimento de um bom vínculo com o programa compondo um **aquecimento específico processual** típico desta modalidade e que avançará ao longo do texto telepsicodramatizado. Visa, além da manutenção do envolvimento e estimulação da participação dos receptores com o telepsicodrama, garantir o recolhimento de dados que permitam dar continuidade ao telepsicodrama assistido, incluindo numa produção em seqüências as manifestações dos receptores. Enquanto num primeiro telepsicodrama o essencial é o envolvimento do público, num segundo será essencial que o público se encontre nele representado para além da identificação dada pela subjetividade comum ao segmento de público para o qual o telepsicodrama se dirige; mas pelas interações que cada telespectador, enquanto pessoa, conseguiu desenvolver/manifestar em relação ao

programa anterior.

Em outras palavras, para além da identificação dada pela subjetividade comum ao segmento de público para o qual o telepsicodrama se dirige, suas manifestações/interações com o primeiro telepsicodrama se objetivam no segundo.

Aos comentários finais seguir-se-ão convites (oralmente e acompanhados de roteiro escrito) para expressão e comunicação midiática das emoções experimentadas pelos telespectadores, consultas sobre temas a serem retomados, desdobrados ou ainda a serem iniciados em novos grupos de protagonistas e que incluam telespectadores desejosos dessa participação.

Evidenciam-se aqui uma relação não presencial entre o público e o programa, e virtualmente presencial, frente à possibilidade que se instaura de elementos do público virem a compor grupos psicodramáticos para a produção de telepsicodramas.

3. Um Percurso Histórico

Sabemos que a história humana não percorre caminhos lineares; procede a avanços, detém-se mais em alguns trechos do que em outros, envereda por atalhos; desenha às vezes caminhos alternativos.

Não foge a esse modelo a história do telepsicodrama.

Nascido no espaço público no início do século XX, com a atuação de Moreno, o método psicodramático de “busca da verdade” é alvo de uma mudança de orientação, sugerida por ele mesmo, com o advento da televisão em meados do mesmo século. Tal mudança referia-se à produção do “telepsicodrama”. Pensada e construída num momento da sociedade tecnológica anterior à existência do vídeo, tal orientação permaneceu quase meio século numa espécie de “via sem saída” uma vez que a televisão, comprometida com os interesses consumistas das sociedades capitalistas, ou totalizantes das sociedades socialistas,

capturou à “conserva cultural”, não comportando a exposição aos riscos que o trabalho com a espontaneidade, feito numa seção de psicodrama realizado ao vivo, entrando diretamente no ar, poderia implicar.

A interatividade do receptor com as mídias eletrônicas propiciadas pelos avanços tecnológicos provocaram mudanças nas investigações sobre os processos de comunicação.

Dos percursos percorridos pelo deslocamento das perguntas de pesquisa: “O que o meio de comunicação faz com o público?” para “O que o público faz com o meio de comunicação?” descortinou-se um horizonte no qual ficou claro que é nas tramas das inter-relações estabelecidas do público entre si e com os emissores de mensagens que os significados das mensagens se constroem e reconstroem. A tal ponto que foi possível compreender que os pólos formalmente identificados como “emissor de mensagem” e “receptor de mensagem” alternam-se reciprocamente nestas posições ao longo de um processo de comunicação, ou o processo de comunicação não se realiza enquanto tal, limitando-se a um processo de informação.

Como a informação não é sinônimo de mudança de comportamento essa “nova compreensão” do funcionamento do processo de comunicação tornou as emissoras de TV sensíveis às reações do público às suas programações.

Ao mesmo tempo cresceram no mundo inteiro por parte de setores interessados no bom uso do potencial formativo da TV, como educadores e cientistas de diferentes especialidades, manifestações organizadas sobre a baixa qualidade dos programas televisuais da atualidade.

Por outro lado, a resistência, o atraso e a lentidão das instituições educacionais em incluir em seus currículos a alfabetização em novos textos midiáticos para serem trabalhados, junto aos alunos, além dos textos impressos, ampliou o espaço possível de intervenção sub-reptícia da TV, pelo poder sedutor da imagem e do espetáculo, na construção da

subjetividade e do inconsciente coletivo.

Esta é a situação atual, que explica os caminhos e atalhos percorridos nas últimas duas décadas do século XX por psicodramatistas e educadores voltados para as potencialidades formadoras que os recursos das sociedades tecnológicas agregam ao psicodrama pedagógico, encaminhando-nos hoje para a produção do telepsicodrama.

Com o advento do vídeo um grupo de psicodramatistas, partindo das idéias de Moreno, desenvolveu trabalhos de gravação em vídeos de seções psicodramáticas, o que constitui uma experiência de mais de 400 horas de dramatização, gravação e edição e resultou em vídeos produzidos artesanalmente.

Esta produção possibilitou a Costa a elaboração das primeiras teorizações sobre o vídeopsicodrama, que se encontram registradas no livro de edição particular intitulado VIDEOPSICODRAMA (1980).

As constatações que chegou a partir dessa experiência encaminharam Costa a desenvolver em 1984 a idéia de produção de “telepsicodrama”, retomando a metodologia proposta por Moreno e adequando-as às inovações tecnológicas que hoje possibilitam e mesmo exigem novos ensaios.

Ao longo desse mesmo período, enquanto educadora, organizei e experienciei vivências psicodramáticas em sala de aula, desenvolvendo trabalhos de investigação nos campos da educação e comunicação, juntamente com mestrandos e doutorandos cuja orientação esteve a meu encargo no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP).

Os resultados educacionais constatados, reflexões conjuntas e troca de idéias sobre os vídeopsicodramas por ele produzidos e sobre os conhecimentos que elaborou a partir daí encaminharam-me à organização, no ano de 2000, do projeto de pesquisa, ora em andamento, cujos primeiros resultados estamos apresentando agora.

O projeto conta comigo na Coordenação Geral dos Trabalhos, com Ronaldo Pamplona Teixeira da Costa como Coordenador da Produção do Telepsicodrama e com um grupo interdisciplinar de pesquisadores (psiquiatra, psicólogos, psicodramatistas, educadores, sociólogo) que compõe uma equipe de Coordenadores de Pesquisa.

Em março de 2001 firmamos uma primeira parceria de trabalho com a Escola de Comunicação da Fundação Casper Libero de São Paulo, que disponibilizou-nos estúdio de TV com qualidade técnica requerida para a produção do telepsicodrama.

Entre 2000 e 2001 foram produzidos vídeopsicodramas, gravados artesanalmente; vários vídeos com alunos do ensino médio de escola pública e dois vídeos com professores destes alunos. O tema era referente à sexualidade, um dos temas transversais elencados nos Parâmetros Curriculares Nacionais e indicado pelos professores como umas das questões “difíceis” de serem tratadas junto aos alunos, e para a qual solicitavam também um preparo, uma vez que identificavam uma parte das dificuldades como próprias. Daí, os vídeopsicodramas com professores.

Tal produção constituiu-se numa introdução de professores e alunos à nova metodologia de pesquisa na produção de um material didático (vídeos) voltado para formação continuada de professores e adequado para trabalhos com alunos; numa preparação inicial da equipe de profissionais envolvidos com o projeto de pesquisa para as peculiaridades e implicações do trabalho que seria desenvolvido.

Estabelecemos ainda numerosos contatos com professores universitários e também com psicodramatistas de diferentes estados do Brasil, o que nos permitiu dar início à organização de um grupo interessado em participar dos trabalhos de “laboratório” com professores e alunos do ensino médio em diferentes partes do Brasil, e da pesquisa com telespectadores do telepsicodrama.

Dessa maneira, a história do telepsicodrama tem seu nascimento na

década de 40, com Moreno; no Brasil é retomada na década de 80 por Costa, no artigo intitulado “Proposta para Realização de uma Série Piloto de Psicodrama em Circuito Aberto de Televisão com Videotape”; passa nas duas últimas décadas do século XX pelo atalho de intensa produção vídeopsicodramática registrada no livro “Videopsicodrama” e se encontra no presente momento consubstanciada no Telepsicodrama ora produzido, no linear deste século XXI.

4. Perspectivas Atuais

A metodologia psicodramática em sua vertente pedagógica em quaisquer das modalidades aqui focalizadas visa a liberação da espontaneidade dos participantes, possibilitando aos envolvidos a “busca da verdade”.

Neste intento o que se providencia é uma relação genuína consigo próprio e com o outro. Objetivando subjetividades e promovendo uma maior conscientização das “conservas culturais”, tanto aquelas componentes do inconsciente coletivo o qual se objetiva e se corporifica na ação psicodramática e nas respostas da realidade social.

Cabe aqui considerar: a que verdade se busca?

À de todos e à de cada um, tendo-se a clareza de que a de todos não é igual à de cada um, e de que a de cada um compõe a de todos. E, de que é nas relações autênticas alicerçadas na espontaneidade, que fomos capazes de estabelecer entre uma e outra, que reside a “vivificação/dinamização” da “conserva cultural” transformando-a em processo provedor do devir, do vir a ser, enquanto criação humana a serviço da vida, no lugar de “obstáculos congelados” interceptadores da criação cultural.

A criação do telepsicodrama conduzirá:

- ao retorno ao espaço público da metodologia psicodramática, de busca da verdade, em uma modalidade

compatível com as mudanças ocorridas nas sociedades tecnológicas e oportunizadas pelos avanços observados nas pesquisas científicas (especialmente no campo da comunicação, da sociologia, da psicologia) de que o método psicodramático é caudatário;

- à pesquisa de possibilidades técnicas de produção telepsicodramática capazes de socializar o potencial formativo do psicodrama pedagógico via TV
- à criação de um canal ágil de comunicação entre jovens, intensificando e dinamizando a interatividade entre traços culturais de origens diversas, dentre os quais os procedentes da cultura escolar;
- à criação da linguagem telepsicodramática que introduz um novo ponto de equilíbrio na relação entre palavra falada e imagem no texto televisual, pela diferente exploração dos signos utilizados, a que se procederá.

Trata-se, portanto de um trabalho pioneiro que envolve uma equipe de produção interdisciplinar, com disponibilidade para o trabalho conjunto e “criação” de conhecimentos novos, que se situam na interface de saberes especializados. Exige que os profissionais envolvidos nessa empreitada estejam plenamente conscientes de que se trata de um trabalho de pesquisa, que pelo seu pioneirismo não parte de certezas consolidadas em quaisquer áreas, mas que apoiado nelas, avança na direção de descobertas a serem aferidas.

O horizonte provável para o qual aponta é para a produção de tecnologia qualificadora dos processos de formação da juventude, numa via que põe em comunicação contínua canais sistemáticos e assistemáticos de educação, como a ESCOLA e a TV.

5. Bibliografia

Bermudes, Jaime G.R. "Introdução ao Psicodrama", SP, Mestre Jou, 1970.

Borba, Carlos A.S. "O papel do videodiretor em Psicodrama", monografia, Sociedade

de Psicodrama de S.Paulo, 1990

Citelli, A. "Palco, teatro e psicodrama" in Vários Autores "Um Homem à Frente de seu

Tempo", SP, Agora, 2001

_____. "Comunicação e educação", SP, SENAC, 1999

Coelho, Teixeira, "O que é indústria cultural", SP, Brasiliense, 1981

Coimbra, Cecília, "Guardiões da Ordem", RJ, Ed Oficina do Autor, 1995

Da Távola, Artur, "Imagem e Palavra na TV" in Contato, Brasília, ano 2, n5, out./dez

1999

Costa, Ronaldo P.T. "Telepsicodrama: um sonho de Moreno em pesquisa" in vários autores,

"Um Homem à Frente de seu Tempo", SP, Agora,

2001.

_____. "Videopsicodrama" in Técnicas Fundamentais de

Psicodrama,

Monteiro, Regina (org), SP, Brasiliense, 1993

_____ "Videopsicodrama", SP, Edição do autor, 1980

Gottlieb, Liana. "O potencial Psicodramático dos Meios de Comunicação", Líbero – Ano II,

nº 34, pág. 4-13, 1999

Gutierrez, Francisco. "Educación y comunicacion en el proyeto principal". Santiago,

Chile, Unesco/Orealc, 1984

Moreno, Jacob L, "Psicodrama", SP, Cultrix, 1997

_____, "Psychodrama and television, N.Y., Sociometry, Vol.V, 1942

Penteado, Heloísa D. "Comunicação Escolar: uma metodologia de ensino", SP, Salesianas,

2002

_____. "A televisão na escola... Afinal que pedagogia é esta?",

Araraquara/SP, JM Editora, 2000

_____. "Televisão e Escola: conflito ou cooperação?", SP, Cortez, 1999

_____. (org.) "Pedagogia da Comunicação: Teorias e Práticas", SP, Cortez,

1998

_____. "Jogo e Formação de Professores: videopsicodrama pedagógico" in

Kishimoto, T.K. (org), Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação,

SP, Cortez, 1996

Porto, Tânia M E. "Relações que a TV e a Escola propiciam aos Educandos", in R.Fac.

Educ. SP, V.23, n.1/2, jan./dez 1997

Silva, M. "Sala de Aula Interativa", RJ, Quartet, 2000